

INCIVILIDADES E REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR¹

Stéphani Silveira Francelino (1);

Aluno da Graduação, Licenciatura em Pedagogia;

Sara Viana Rocha (2);

Aluno da Graduação, Licenciatura em Pedagogia

Maria de Fátima de Andrade Ferreira (3)

Doutora em Educação

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – stephani260805@hotmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – saravianarocha@gmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – mfatimauesb@hotmail.com

Resumo

A violência tem se apresentado como um problema que se diversifica no espaço escolar e se multiplica, passando a fazer parte da discussão por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Este trabalho investiga incivildades e representações da violência e conseqüências na escola. O aporte teórico baseou-se em Bourdieu (1989), Delors (1998), Charlot (1997), Colombier (1989) e outros, com objetivo de identificar, sistematizar, analisar a violência na realidade escolar. O estudo descritivo, qualitativo (GIL, 2002) foi realizado por registros fotográficos, observação direta e sistemática, conversas informais e desenhos dos alunos sobre violência. Os resultados indicam que representações de violência presentes no cotidiano escolar se configuram como um dos problemas que afeta a escola que precisa promover a participação da comunidade local em reuniões, a compreensão sobre questões que envolvem alunos e relações de convivência na escola, estratégias para resolver situações de violência entre alunos, soluções para combater a violência nos seus espaços.

Palavras-Chave: Incivildades. Violência na Escola. Representação da Violência. Relações de Convivência

Introdução

As situações de interação entre alunos tem sido motivo de preocupação da escola, possui características abrangentes e acontece em diversos contextos sociais, mas em todo caso, é importante ter em conta que o conceito de violência varia consoante a cultura, contexto histórico, época e, mesmo que esteja presente no cotidiano e as pessoas saibam o que ela é e fazer distinção de atos/tipos e de como lidar com ela, exige cuidado para sua definição e conceituação.

No Relatório Educação para o Século XXI (DELORS, 1998), para que a educação possa desempenhar a função de um desenvolvimento harmonioso, autêntico, de modo a atender quatro pilares básicos que são, “Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Viver Juntos e Aprender a Ser”, é preciso combater a violência na escola. Não é possível ofertar educação, como foi pensada por Edgard Faure, que possa “contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal,

¹ Esta pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/UESB) faz parte das atividades de pesquisa do Projeto Rede de Pesquisa Representações, Discursos e Violência na Escola – olhar, pensar e agir sobre a formação de valores, atitudes e permanência do aluno na sala de aula (FAPESB/UESB), sob a Coordenação da Professora Doutora Maria de Fátima de Andrade Ferreira (UESB), do Núcleo de Pesquisa e Extensão Gestão em Educação e Estudos Transdisciplinares (NUGEET/UESB).

espiritualidade” (1998, p. 26). Com base nessa compreensão e sob olhar atento aos fundamentos de representações e violência simbólica (BOURDIEU, 1989) e violência na escola (ABRAMOVAY, 2002), incivilidades e representações de violência na escola, observamos que a escola trata dessas questões nas relações de convivências entre alunos no cotidiano escolar, mas ainda não encontrou caminhos possíveis para o combate a violência na escola, contra a escola e da/na escola.

Revisão de Literatura

A violência não é um problema novo. Estudos sobre violência tem se ampliado e demonstrado preocupação em acompanhar mudanças de significados, atos, fatos, reconhecendo que na sociedade contemporânea, o fenômeno é multicausal e polissêmico. Nesse contexto, as incivilidades atingem pessoas, sem precedentes.

Abramovay (2002) explica que não é um problema específico da contemporaneidade e para falar de violência nas escolas é preciso perguntar: Afinal, o que é violência? A diferença no trato da questão

é a visibilidade dada à violência nos últimos tempos, especialmente pela imprensa. Os jornais (escritos e televisionados) expõem casos de assassinatos, assaltos, sequestros, brigas, em todas as suas edições, criando a sensação de que a violência está em todos os lugares, e é inevitável [...]. Portanto, aparece na realidade social como ameaça constante e que aumenta a cada dia (2009, p.19).

A violência social se encontra presente em diferentes convivências humanas, atinge pessoas e grupos sociais, independente de classe, raça, etnia, religião, idade, faixa etária, grau de escolaridade. Charlot (2007) chama atenção para os modos de classificação e definição da violência e diz que precisamos observar o que é e o que não é violência, para que o termo, seu emprego e conceitos sejam utilizados com clareza e precisão. Para Michaud (1989, p. 10-11),

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

Para Debarbieux (2002) diversas manifestações podem ser identificadas como violências. Zalaur (2004, 228) diz que a força, vigor torna-se violência quando “ultrapassa um limite ou perturba acordos e regras que ordenam relações, adquirindo assim carga negativa ou maléfica. A percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento causado) que vai caracterizar um ato como violento” depende da percepção cultural e histórica. Autoritarismo, práticas tradicionais, discriminatórias e suas consequências nos resultados do desempenho do aluno é fato. Para Ferreira (2015), o autoritarismo na educação no Brasil,

É um problema grave, seja pelo emprego da força ou da intimidade, expressões, gestos produzidos pelas desigualdades nas relações de raça, etnia, gênero, classe social, religião ou fundamentadas nas relações de controle, resistências e poder. E, devido à polissemia e complexidade do termo, não podemos falar de violência sem antes buscar uma definição e sentidos do fenômeno. Violência vem adquirindo definições e, todas elas, trazem a ideia do emprego da força, perturbação da ordem (2015, p. 43).

Na escola, a violência se manifesta através da desatenção, negligência, autoritarismo, ignorância, intolerância, discriminação, preconceitos contra o outro e pelas difíceis condições do espaço físico, equipamentos e recursos didáticos, depredações, pichações. Debarbieux (2002, p. 64) entrelaça violência e políticas públicas para dizer que

[...] é um erro fundamental, idealista e histórico crer que definir a violência, ou qualquer outro termo, por sinal, seja uma questão de se aproximar o máximo possível de um conceito absoluto de violência, de uma idéia de violência que faz com que a palavra e a coisa estejam para sempre adequadas.

Debarbieux (2002), Zalaur (2004), Ferreira (2005) explicam que definir violência é uma exigência e, para isso, é preciso entrelaçar teoria e prática, contextualizar o fenômeno/fato e para falar de tipos de violência na escola é preciso ficar atento para sua ramificação e classificação.

A escola não apenas reproduz as violências correntes na sociedade, mas produz formas próprias, de diversas ordens, tipos e escalas, que se refletem no dia a dia [...], as microviolências podem passar despercebidas e são muitas vezes consideradas normais por todos. Entretanto, possuem um impacto importante na criação de um clima de insegurança (ABRAMOVAY, 2002, p. 9).

De modo geral, observamos que incivildades, xingamentos, indisciplina, agressões físicas e verbais, problemas de comportamentos, *bullying* reproduzidos por alunos e presentes na escola, podem estar relacionados ao que eles presenciam/vivem na família, rua, bairro e a conduta antissocial e delinquência são exemplos de violências corriqueiras e suas manifestações são distintas, inclusive as retratadas por alunos são predominantes na escola.

Resultados e Discussões

A representação gráfica é um recurso que pode permitir uma aproximação do indivíduo com o mundo, seu cotidiano, ideias, o que pensa sobre o fato/fenômeno que o rodeia. Os desenhos dos alunos foram utilizados para identificar representações de violência mais evidentes entre eles, com a intenção de permitir que os sujeitos participantes pudessem através dos desenhos expressar o que pensam sobre violência vivida/presenciada no cotidiano escolar, familiar, social em que estão inseridos. Foi possível observar que a violência simbólica, institucional, social e familiar, se fazem presente no seu cotidiano, o envolvimento da família e vizinhos encontra-se sempre muito evidente. O uso de arma de fogo/branca, brigas de rua, xingamentos se apresentam como “coisas” comuns e,

por isso, banalizadas no bairro, escola e na própria vida dos alunos, envolvendo moradores do bairro, família, traficantes/usuários de drogas e outros. Os resultados dos dados analisados dos desenhos e relatos dos alunos sobre violência demonstram que a violência familiar é um tipo comum na sua casa. Sobre a violência entre seus familiares, uma aluna relata uma briga entre dois irmãos mais velhos, um adolescente e um adulto e, diz: “Meu irmão bate na minha irmã, foi na minha casa, meu irmão tem 18 anos e minha irmã tem 16 anos [...]”.



FIGURA 1: Hérica, 10 anos de idade
Fonte: arquivo do pesquisador



FIGURA 2: Juca. Idade: 6 anos
Fonte: arquivo do pesquisador

O desenho de Juca (FIGURA 2) representa “um capeta” armado, contra uma menina. Ele participa muito pouco das atividades na escola e para professora Paula: “Ele é quieto mas se mexer com ele coitado[...] ele deu um murro na cara de uma colega que mexeu com ele”. O “capeta matando”, uma imaginação da violência física na representação gráfica de Juca retrata a concepção religiosa do bem e do mal, representa um elemento mal, perverso – o “capeta” que ataca uma criança com arma branca. Os alunos representam de forma gráfica a violência familiar e do espaço onde moram, vítimas de marginalidades, agressividades, latrocínios e outros tipos de violência urbana. O desenho de Hérica (FIGURA 1) ilustra a briga entre irmãos – uma representação da violência doméstica e de gênero. Ela mostra o seu irmão mais velho, alto e forte, com expressão de furioso e uma arma de fogo na mão, apontada para a irmã mais nova, uma mulher mais frágil, de tamanho menor e expressão de medo, espanto, indefesa. A expressão da violência de idade, gênero e familiar presentes no “poder do macho” e na “fragilidade da mulher” – uma representação que se configura como (pre)conceito e discriminação de gênero. Para Bourdieu (1990, p. 17),

[...] as regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres[...] assinalando-lhes lugares inferiores[...] ensinando-lhes a postura correta do corpo [...] atribuindo-lhes tarefas penosas, baixas e mesquinhas... enfim, em geral tirando partido, no sentido dos pressupostos fundamentais, da diferença biológica que parecem assim estar a base das diferenças sociais.

A lógica de dominação e violência urbana têm sido fenômenos presentes nas interações e vida dos alunos que, nos seus relatos falam de violência de trânsito, atropelamentos, brigas de rua, questões de gênero, assaltos a mão armada; a maioria (75%) com arma de fogo. O desenho de

Marcos (FIGURA 2) retrata um caso de violência urbana no trânsito, atropelamento de um homem e ocorreu nas proximidades de sua casa. O desenho de João (FIGURA 3) representa a violência urbana e este tipo de violência tem sido considerada uma preocupação pelas pesquisas, blog, etc.



FIGURA 2: Marcos, com 11 anos de idade
Fonte: arquivo do pesquisador

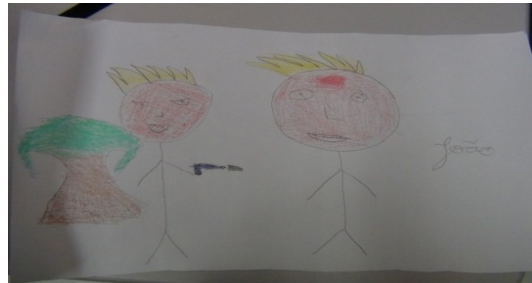


FIGURA 3: João. Idade: 9 anos
Fonte: arquivo do pesquisador

João diz: “[...] me lembrei de um “caso” na Lagoa” - espaço construído para lazer dos moradores, onde as pessoas fazem caminhadas, brincam com crianças, jogam bola em um pequeno campo de futebol e frequentam restaurantes. Este é um tipo de violência ilustrada com muita frequência nos desenhos dos alunos. João fala sobre a violência retratada por Edson - o roubo à mão armada que ocorreu nas proximidades da escola. Conforme pesquisa sobre violência realizada no Brasil, os homicídios envolvendo caso de jovens de 16 e 17 anos de idade representam atualmente,

quase a metade da mortalidade nessa faixa e, pelo que é possível observar a partir da sequência histórica, a tendência é aumentar mais ainda no futuro. Na contramão da realidade, inclusive a do Brasil, onde a história recente marca decisivos avanços na esperança de vida da população, ao observar a evolução da violência homicida na faixa de 16 e 17 anos de idade, as previsões são sombrias e preocupantes (2015, p. 18-19).

O desenho de Lucas, aluno de 9 anos, morador de bairro periférico, expressa na sua representação gráfica, a violência verbal, física e simbólica que se configuram como uma expressão de medo, terror, se apresenta de forma simultânea com a violência de gênero, sexo, idade, cor da pele, de discriminação contra o outro – o “gordo”, “o menor”, o “negro”, a “mulher”, a “criança”.

Diante do quadro preocupante de violência no espaço escolar se faz necessário melhorar a interação entre a comunidade escolar e a local, tornando a escola um ambiente de intensa convivência de alunos e espaço social privilegiado pela presença significativa de sujeitos, para assim assumir seu papel social, enfrentar e desmistificar a violência contemporânea em seus diferentes estágios. Contudo, a escola precisa ficar atenta aos mitos da não-violência porque

são cruéis e se apresentam de diferentes maneiras e produzem dificuldades para que a sociedade encontre caminhos possíveis para combater os tipos de violência presentes em seus diferentes espaços sociais, inclusive na escola, e, assim, mantém preconceitos, estereótipos, diferentes tipos de discriminação de gênero, raça, etnia, religião, cor da pele, classe social (FERREIRA, 2015, p. 10).

Conclusão

As incivildades e representações da violência na escola tem aumentado a preocupação de professores, pais, diretores, principalmente porque, nos últimos anos, a sua multiplicação e diversificação tem afetado escolas e outras instituições sociais. A violência parece não ter limite e a escola precisa encontrar instrumentos eficazes ao seu combate cotidiano escolar, proporcionando confiança, alegrias, ternura e prazer nas relações de convivências entre alunos e na relação ensinar-aprender a condição humana, formação da cidadania e encontrar estratégias para aumentar a participação da comunidade local na escola, as interações com a comunidade escolar.

Referências

ABRAMOVAY, M. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, 2002

BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise M. Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRASIL. BRASÍLIA. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento -PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano- Brasil 2005**. Brasília, DF: Editora Diva Moreira, 2005.

DELORS, J. Educação: Um tesouro a descobrir. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Brasília, julho de 2010.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. **Sociologia**, ano 4, n.8, p.432-443, jul/dez. 2002.

COLOMBIER, C. **A violência na escola**. São Paulo, Ed. Summus,1989.

FERREIRA, M de F. de A. Uma reflexão sobre o autoritarismo e a violência na educação no Brasil: mitos e antecedentes. In **Revista Actas. Actas del Tercer Congreso de Filosofía de la Educación**. v. 3/2015. Cidade do México: UNAM, 2015. p. 43-6. Disponível em: <http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/view/61> Acesso em: 30 de julho de 2016,

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.